

Diálogos de Mídia & Educação



O jornal impresso

Capítulo 2

Outubro/2007

O JORNAL IMPRESSO

O próprio nome Jornal é uma marca que sentencia há muitos séculos uma função principal – informar a sociedade. Café, pão e jornal são companheiros de tantas pessoas há tanto tempo, que parece que sempre estiveram por aqui. Na verdade, é necessário fazer uma viagem longa no tempo para encontrar os antepassados desse nosso jornal do dia-a-dia. Após retroceder esses séculos todos, não é que o vovô do jornal foram algumas bíblias?

Tudo começou em 1450, na Alemanha, quando Johan Gutenberg (ou Johannes Gensfleisch zur Laden zum Gutenberg se preferir o nome completo), um inventor alemão, criou a primeira prensa de tipos móveis, um tipo de impressora. A intenção era acelerar o processo de reprodução de textos que era demorado e muito restrito, feito por compilação – alguns religiosos, conhecidos como monges copistas, simplesmente copiavam a mão um texto. Com a nova máquina de Gutenberg, se podiam fazer as cópias mecanicamente, de modo uniforme e muito mais rápido.

Não se sabe ao certo, mas acredita-se que tenham sido impressas 180 cópias da bíblia em latim durante um período de três anos. Muitas delas ainda são conservadas hoje em museus e universidades do mundo todo e há até cópias guardadas por particulares, como é o caso do norte-americano Bill Gates, dono da empresa Microsoft.

A partir dessa possibilidade de imprimir mais rápido, o mundo mudou. A informação e o conhecimento podem chegar a mais gente. Diminuíram os analfabetos e cresceram os que têm escolaridade e formação para trabalhar e se desenvolver. O conhecimento científico também se multiplicou e vem se

multiplicando como nunca antes havia acontecido. Mas, e o jornal? Não existia antes?

Assim como vemos hoje, não. Já havia corajosos que viajavam de vila em vila, na Idade Média, contando os fatos que aconteciam pelo mundo. Na verdade, não contavam propriamente, mas cantavam. Eram os menestréis, cantadores de fatos da vida. Mas com a invenção de Gutenberg e com o maior número de cidadãos alfabetizados, tudo podia mudar. Ler o mundo já era possível.

Ler ou ver o mundo?

Na época de Gutenberg, essa dúvida não existia. Precisávamos ver o mundo com nossos próprios olhos, mas era bem mais fácil, o mundo não era tão grande assim. Não que o mundo estique e encolha. É que conhecíamos poucos lugares e as grandes navegações ainda se iniciavam. Havia poucos lugares para se conhecer na visão daquela época.

Hoje é diferente. O mundo tão vasto ficou pequeno para a gente. Com o desenvolvimento dos transportes rápidos – avião, navio, trens, automóveis – e com a tecnologia de comunicações – telefone, satélites, internet –, chegamos fisicamente ou virtualmente a qualquer lugar. Sabemos agora o que acontece do outro lado do mundo. Ficou bem mais difícil ver tudo – então entram em campo os mediadores, alguém que escolhe entre tantas coisas que acontecem, algo para contar a você. Quem faz essa mediação é a mídia.

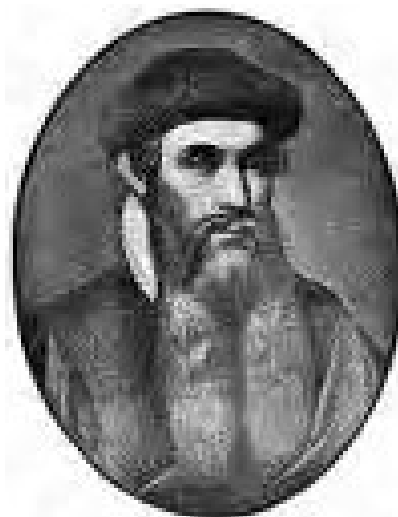
O que é mesmo mídia? No significado da palavra, mídia é o plural de meio, os meios de comunicação. São os jornais, televisão, rádio, revistas, internet, e outros tantos suportes para a informação e o conhecimento. Se um fato acontece, sai na mídia, certo? Mais ou menos.

Já vimos que os fatos e a informação hoje têm um volume tão grande que não podemos ver tudo com nossos próprios olhos. Então, a mídia vê por nós e decide com base em alguns critérios, o que devemos ver, como devemos ver e qual opinião devemos adotar sobre esses fatos. A mídia, portanto, não é um espelho da sociedade, mas um lugar de construção da realidade.

Quem determina o que sai na mídia?

De uma forma positiva, poderíamos dizer que somos todos nós. Afinal de contas, somos a audiência, é para nós que os meios de comunicação falam e, portanto, deveríamos ser contemplados com mensagens e imagens que nos agradem e satisfaçam. Não é bem assim.

A lógica atual é totalmente inversa. Há grandes corporações de comunicação que obedecem a interesses políticos, econômicos, governamentais e até mesmo pessoais. Isso quer dizer que junto com o que numa primeira podemos ver ou ler, há muito mais a ser dito. Nossa leitura superficial, na maioria das vezes não alcança esse nível de análise. Leia, por exemplo, a capa do jornal ilustrada a seguir.



Gutenberg

FOLHA DE S. PAULO

TERÇA-FEIRA, 25 DE SETEMBRO DE 2007

TERÇA-FEIRA, 25 DE SETEMBRO DE 2007

TERÇA-FEIRA, 25 DE SETEMBRO DE 2007



ENCERTE
Mas Interpol não vai... São Paulo, 25 de setembro de 2007. Uma vista aérea de uma favela em São Paulo, com casas amarelas e ruas estreitas. Pág. 49

Bolsa sobe, bate recorde e volta ao nível pré-crise

Capital externo faz Bovespa ganhar 1,59% e chegar a 58.719 pontos em dia fraco nos mercados do mundo

Impulsão pela entrada de capital externo, a Bolsa de São Paulo sobe 1,59%, bate recorde de pontos (58.719) e consegue superar as perdas decorrentes da crise financeira nos Estados Unidos. O Dow Jones recua 0,44% em 1.040,56 pontos. Algumas ações sobem, como a Petrobras (14,28%).

Ataques de Vale, bancos pressionados por investidores estrangeiros, deterioram-se as negociações na Europa, responsável por quase 20% das operações do exterior. O recorde anterior da Bolsa ocorreu em 28 de julho, antes do início da crise no mercado imobiliário americano. Para analistas, as perspectivas externas ainda não foram esprechadas. Pág. 46



Bush promete 'flexibilidade' a Lula

O presidente dos EUA, George W. Bush, prometeu maior flexibilidade a Barack Obama em negociações comerciais com o Brasil. Pág. 48

Lula está no topo da lista de candidatos à presidência da América Latina. Pág. 48

Bush disse ter garantido a Lula que os EUA "investirão" na economia brasileira. Pág. 48

Concurso que teve 110 mil candidatos é anulado em SP

A Câmara de SP anulou concurso realizado em julho e que teve 110 mil inscrições para 110 vagas. A Câmara suspendeu o processo licitatório por parte da Unesp (Fundação para o Trabalho de Unesp), responsável pelo exame, e chegou a cogitar questionar o edital. Pág. 47

EM GRAMPO, DUADEZ DE QUE BRASILEIRO DE 2005 FOI 'SOBADO' Pág. 41



24 HORAS para disciplina de direito em universidades dos EUA. Pág. 40

Ex-presidente da Petrobras defende cargos para aliados

Ex-presidente da Petrobras, José Eduardo Durão, defende cargos para aliados no novo governo. Pág. 42

GM convoca os proprietários de 29 mil veículos para dois recalls

A GM convoca para dois recalls os donos de 29.000 veículos de marca Saturn. Pág. 43

MST promove manifestações em dez Estados

O MST promove manifestações em dez Estados. Pág. 44

Responsável por denúncia contra Renan é agredido

Responsável por denúncia contra Renan é agredido. Pág. 45

ROBIZO EM SP Pág. 34

EDITORIAIS Pág. 47

ATMOSFERA Pág. 42

3.4

Grupo Victor Malzoni comunica o início das obras de total reformulação do Shopping West Plaza, que se transformará em

PÁTIO WEST PLAZA

Veja neste caderno.

GRUPO VICTOR MALZONI

BRAZILIAN CAPITAL

A capa deste dia na Folha de São Paulo, jornal de maior circulação no país, tenta mostrar uma realidade como retrato do mundo. Neste dia, o mundo andava mal: estávamos à espera de uma crise financeira, cidades sofriam debaixo d'água, trabalhadores esperançosos perderam com o cancelamento de um concurso e mais outras notícias de agressão, carros estragados, corrupção, etc.

Segundo os critérios de edição de um jornal, a capa pretende ser um instantâneo do mundo. Mas, será que nada mais aconteceu para ser notícia na capa da Folha de São Paulo ou de qualquer outro jornal? Claro que sim. O que definiu essa capa ao estilo "terra arrasada" foram aqueles interesses dos quais já falamos e ainda os chamados critérios de noticiabilidade, ou o valor-notícia.

Os teóricos do jornalismo costumam eleger alguns mais importantes e que são quase um consenso: importância, proximidade com o fato, impacto, suspense, economia, desvio, etc. É bom lembrar que o fato deve ser verdade, novidade e relevante. É fácil, ao examinar os jornais, identificar esses critérios. Mas, eles não são tão rígidos ou claros como podem parecer. Dependem, sempre, de em qual jornal serão publicadas as notícias, para quem são dirigidas e outros tantos critérios que não se podem medir.

Para trabalhar na sala de aula

O uso do jornal na sala de aula começou a ser introduzido há pouco tempo nas rotinas escolares no Brasil. Ele obedece a uma nova lógica do ensino da Língua Portuguesa, substituindo a tipologia textual tradicional – narrativa descrição e dissertação –, pelo uso dos Gêneros Discursivos, ou Gêneros do Discurso.

Por esse novo olhar, a notícia do jornal pode ser usada como um bom exemplo de narrativa, mas também para o uso da descrição e ainda, no caso dos textos opinativos, como instrumento de persuasão – a dissertação. É importante que se obedeça a algumas etapas para o uso eficiente do jornal na sala de aula.

1 – **Comece pela análise de produtos prontos e que pertençam ao contexto dos alunos** – peça para eles trazerem os jornais que têm em casa e inicie a análise a partir deste material;

2 - **Trabalhe em equipes** – o processo de produção de um jornal tem divisão clara de tarefas. Reproduza em sala de aula essa característica;

3 – **Cuidado com o significado das notícias** – na hora de escolher as notícias para analisar em sala de aula, dê preferência àquelas que têm significado para o mundo de seus alunos – deve haver efeito de sentido.

4 – **Propostas claras** – proponha tarefas com etapas e avaliação claras, ou seja, o aluno deve saber o que está fazendo, para quê o faz e como será avaliado nesse trabalho;

Pronto! Depois que analisar jornais, seus textos, imagens e sua estrutura for uma prática na sala de aula, a classe pode partir para o próximo estágio: produzir seu próprio jornal. Isso exige outros cuidados especiais:

5 – **Funções definidas** - comece explicando as funções desempenhadas dentro de um jornal – repórter, editor, etc. É interessante convidar um profissional da área para colaborar com a turma e dar um tom de autenticidade ao trabalho dos alunos;

6 – **Distribuir tarefas** – como o trabalho é em equipe, deixe que os alunos, no papel de suas novas funções dentro do jornal, definam o que fazer já que lhes foram apresentadas as rotinas jornalísticas;

7 – **Dê uma cara para o jornal** – parte da equipe pode ficar responsável pela programação visual da publicação: nome, logomarca, fotografias, desenhos, diagramação. Pode haver um concurso na escola como incentivo à participação no projeto.

8 – **Posições iguais** – é melhor que não haja chefe na equipe, mas funções distintas. Então deve haver reunião de pauta para decidirem sobre o que falar.

9 – **E o público?** – o jornal ficará pronto. E então? A produção dos alunos não pode circular somente entre eles. Detalhes importantes como número de exemplares, circulação e distribuição devem ser planejados com antecedência para que o projeto seja mais do que uma atividade de sala.

10 – **Professor-mediador** – o papel do professor é fundamental no sentido de estimular e até mesmo fomentar o projeto. Manter a equipe ativa e no rumo é tarefa fundamental. Lembre-se que o processo é mais importante do que o produto numa atividade como essa: lembre-se disso também na hora de avaliar os alunos.

Para saber mais:

Maria Alice Faria é autora de três livros sobre o uso do jornal na sala de aula, todos pela editora Contexto. Os preços de cada título variam entre R\$20,00 e R\$30,00.

- **Para ler e fazer o jornal na sala de aula**

- **Como usar o jornal na sala de aula**
- **O Jornal na sala de aula**

Na Universidade de São Paulo, a USP, há um núcleo que estuda a educação para a mídia, ou educomunicação, como chamam por lá. Na página da Internet que o Núcleo de Educação e Comunicação da USP você encontra textos, dicas e até instruções para montar jornais e rádios nas escolas.

<http://www.usp.br/nce/>

Este material também está disponível no MONITOR DE MÍDIA.

<http://www.univali.br/monitor>

Redação: Valquíria Michela John e Laura Seligman

Endereço para contato: Rua Uruguai, 453 Itajaí-SC – Bloco
12 – sala 306

Endereço eletrônico: monitordemidia@yahoo.com.br